

### 3. Aspectos teológicos

#### 3.1. O termo רִיחַ e seus sentidos.

##### a) Elemento simbólico

Há muito tempo o vento impressiona fortemente a intuição simbólica do homem. O vento exprime nele uma tomada de consciência, quase sempre ligada à manifestação de um ser superior. O vento possui seis grandes propriedades:

1ª Mantém a vida: sem ar, não sobreviveria nenhum organismo vivo, observável a olho nu.

2ª Atiza a chama evocadora de vida.

3ª Enche todo o espaço, penetra tudo o que não está hermeticamente fechado.

4ª Absorve e veicula tudo o que é leve (pólen, sementes e etc.).

5ª Purifica: substitui o ar carregado de umidade por ar fresco.

6ª Pode quebrar: desencadeado em rajadas ou tufão desenvolve uma energia considerável causando prejuízos irreparáveis <sup>179</sup>.

Nas mais diversas culturas, ele ganha um aspecto religioso. O vento é considerado como a respiração dos deuses. Algumas religiões têm divindades da atmosfera (Shu no Egito, Enlil em Babilônia) e divindades do vento, como por exemplo, Ninurta e Hadad na Babilônia<sup>180</sup>. O vento também era entendido como uma criação de Deus (cf. Sl 135,7; Am 4,13), era usado como instrumento para executar sua vontade (cf. Ex 14,21)<sup>181</sup>.

Muitos textos da Escritura usam o vento como metáfora. Uma grande concentração de textos utiliza o símbolo em um sentido propriamente teológico. Estes textos nos oferecem seis orientações principais: o vento nos abre para o mistério da presença original de Deus(símbolo pré-cosmico), de sua manifestação

<sup>179</sup> Cf. GIRARD, Marc. Os símbolos na Bíblia. pp.249-250.

<sup>180</sup> Cf. Ibid. p. 255.

<sup>181</sup> Cf. PFEIFFER, Charles F. et al. op. cit. p. 1989.

ocasional (símbolo teofânico), de sua presença na natureza (símbolo cósmico), de sua manifestação permanente no mundo e na história (símbolo espiritual), de seu inefável conhecimento (símbolo sapiencial) e de sua ação cósmica mediada (símbolo angelológico)<sup>182</sup>.

Nos textos bíblicos aparece o termo hebraico רוּחַ (vento, sopro, espírito). Esse substantivo aparece 378<sup>183</sup> vezes no AT, sendo geralmente do gênero feminino. A idéia básica de רוּחַ (πνεῦμα) é “ar em movimento”. Nos seres vivos a רוּחַ é a sua respiração, quer de animais (cf. Gn 7,15; Sl 104,25.29) quer de seres humanos (cf. Is 42,5; Ez 37,5) ou ambos (cf. Gn 7,22-23)<sup>184</sup>.

O vento como força vital é concedido por YHWH ; ele molda a רוּחַ no interior do homem (cf. Zc 12,1). Somente depois de Deus dar a רוּחַ como respiração às ossadas revestidas músculos, carne e pele, os corpos se tornaram vivos (cf. 37,6.8-10.14)<sup>185</sup>.

As conotações de sopro incluem força, coragem e valor, além disso, a idéia de sopro é atividade e vida. Nas mãos de Deus encontra-se a רוּחַ, o “fôlego” de toda a humanidade (cf. Jó 17,1). Contudo, o aspecto distintivo da vida humana, não é o físico, mas o espiritual, o mental e pessoal. O fôlego do homem lhe foi dado mediante um ato criador especial de Deus. É o seu ser interior que reflete a imagem de Deus<sup>186</sup>.

No que diz respeito ao emprego do vocábulo רוּחַ percebe-se um forte crescimento na ulterior profecia que anuncia a salvação. Só na época exílica e pós exílica esse termo alcança o ponto culminante do seu uso, por exemplo, em Ezequiel ele aparece 52 vezes<sup>187</sup>.

<sup>182</sup> Cf. GIRARD, Marc. op. cit. p. 259.

<sup>183</sup> Cf. BROWN, Francis. BRIGGS C.A. DRIVER, S.R. *Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. p. 924.

<sup>184</sup> Cf. PAYNE, J. Barton. “רוּחַ”. DITAT, p.1407.

<sup>185</sup> Cf. WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. p.53.

<sup>186</sup> Cf. PAYNE, J. Barton.. “רוּחַ”. DITAT, p.1408.

<sup>187</sup> Cf. ALBERTZ, R.; C. Westermann, “רוּחַ” in JENNI, E.; WESTERMANN, C. *DTMAT*, p.916.

## b) רִיחַ e seu relacionamento com YHWH

O Antigo Testamento fornece material necessário para examinarmos o profundo relacionamento entre o Deus único e aquele que o manifesta no mundo, ou seja, entre YHWH e o seu dom. Neste âmbito, a רִיחַ expressa perfeitamente o mistério da comunicação divina com o mundo criado e, de modo particular, com o ser humano.

Esta análise pode ser feita a partir de uma abordagem cosmológica (vento) e, também, de uma abordagem antropológica (alento vital). Sendo assim, a רִיחַ, num dinamismo que lhe é próprio, quer seja no âmbito cosmológico, quer seja no âmbito antropológico, revela a presença ativa de YHWH e se constitui como um princípio fundamental na relação Deus-mundo e Deus-homem<sup>188</sup>.

No âmbito cosmológico, frequentemente, se vê na רִיחַ, o sentido de vento, um instrumento da ação divina. Só em Am 4,13 se diz que YHWH é o criador do vento. Por outro lado, em Gn 1,2, a רִיחַ está no princípio da criação como força criadora de Deus. Em outras passagens o vento está sempre a serviço de YHWH (cf. Gn 8,1; Ex 10,3; Ez 13,13)<sup>189</sup>.

YHWH se manifesta nas asas do “vento” (cf. 2Sm 22,11.16; Sl 18,11), também se diz que os “ventos” são os seus mensageiros (cf. Sl 104,3; 148,8). Nos textos mencionados o tema do “vento” recebe um papel de destaque. Contudo, o que se afirma não é só que YHWH é o Senhor dos ventos, mas que o vento é o lugar da revelação; por meio dele, YHWH se comunica com o homem<sup>190</sup>.

Além disso, este estreito relacionamento entre YHWH e o “vento” se explica por meio de uma antiga concepção, segundo a qual, os fortes fenômenos naturais eram considerados como manifestação da divindade. O Deus da teofania do vento permanece escondido, assim como o vento que é invisível<sup>191</sup>.

<sup>188</sup>Cf. GRANADOS GARCÍA, Carlos, “Espíritu” in BARRIOCANAL GÓMEZ, José Luis. DPB. p. 281.

<sup>189</sup> Cf. TENGSTRÖM, S., “רִיחַ” in BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer. GLAT. p. 279.

<sup>190</sup> Cf. GRANADOS GARCÍA, Carlos, “Espíritu”. op. cit. p. 282.

<sup>191</sup> Cf. TENGSTRÖM, S., “רִיחַ” op. cit. p. 280-281.

No âmbito antropológico, a רִיחַ caracteriza o ser humano, situando-se entre os seres vivos (cf. Zc 12,1; Is 42,5). Outros textos<sup>192</sup> falam do Criador como aquele que dá a רִיחַ vivificante ao homem. A relação entre o tema da vida e da רִיחַ pode ser exemplificado tomando do texto de Jz 15,19<sup>193</sup>. Ao entrar nos ossos do homem (cf. Ecl 11,5) e enquanto permanece em seu nariz (Jó 27,3) lhe concede a vida (cf. Ecl 3,19.21); quando a רִיחַ se desgasta (cf. Jó 17,1; Sl 104,29) ou se debilita chega a morte (cf. 142,4)<sup>194</sup>.

A relação entre YHWH e a רִיחַ é tão estreita que no AT encontra-se a expressão רִיחַ YHWH. Ao todo, são 27 as suas ocorrências. Dessas, 19<sup>195</sup> possuem um uso especificamente teológico. É comum, também, encontrar textos, onde, o termo רִיחַ vem acompanhado de um sufixo da primeira pessoa do singular (cf. Is 42,1; Ez,36,27; 37,14; Jl 3,1.2; Ag 2,5), da segunda (cf. Sl 51,13;139,7; 143,10; Ne 9,20.30) e da terceira pessoa (cf. Nm 11,29; Is 48,16; 63,10.11; Zc 7,12), em todos os casos apresentados, o termo רִיחַ refere-se sempre a YHWH<sup>196</sup>. Esse fato nos leva a afirmar que Ele sempre está na origem da efusão da רִיחַ.

A esse respeito, é interessante ressaltar que YHWH infunde sua רִיחַ em certas pessoas e as capacita para uma determinada missão, assim aconteceu com os juízes, os reis e os profetas<sup>197</sup>. Contudo, também, surgiu a idéia de uma infusão universal da רִיחַ (cf. Jl 3,1)<sup>198</sup>. Ezequiel, também, desenvolve esta idéia ao falar que seria derramado sobre todo o povo a רִיחַ הַרְשָׁה (cf. Ez 11,19). Esta promessa ainda se repete em Ez 36 26-27. A רִיחַ prometida vivifica e consagra o povo (cf. Ez 37,14; Sl 50,12)<sup>199</sup>.

<sup>192</sup> Cf. Gn 7,15.22; Jó 27,3.

<sup>193</sup> Este texto nos relata que Sansão após ter bebido da água que YHWH providenciara, recobrou a רִיחַ e reviveu.

<sup>194</sup> Cf. GRANADOS GARCÍA, Carlos, “Espírito”. op. cit. p. 282.

<sup>195</sup> Cf. Jz 3,10; 6,34; 11,29;13,25; 14,6.19; 15,14; 1Sm 10,6; 16,13.14; 2Sm 23,2; 1Rs 22,24; 2Cr 18,23;20,14; Is 11,2; 63,14;61,1 Ez 11,5; Mq 3,8.

<sup>196</sup> Cf. ALBERTZ, R.; C. Westermann, “רִיחַ” op. cit. p. 935.

<sup>197</sup> Cf. DAUTZENBERG, G., “Espírito” in BAUER, Johannes B. DBT. p. 128.

<sup>198</sup> Cf. TENGSTRÖM, S., “רִיחַ”. op. cit. p.297-298.

<sup>199</sup> Cf. GRANADOS GARCÍA, Carlos, “Espírito”. op. cit. p.286.

### c) No texto

Toda atividade de Ezequiel se desenvolveu impulsionada tanto pela palavra que saía da boca de YHWH, que o atingia e sugeria o que ele deveria falar, como pela ação da רוח. Ele declara com frequência que a רוח de Deus o arrebatou e que a mão de YHWH pousou sobre ele (cf. Ez 3,14). Pelo arrebatamento causado pela רוח ele se distingue de todos os profetas escritores, que o precederam e se assemelha a Elias e Eliseu. Arrebatado pela רוח e tomado pela mão de YHWH, é que ele vive sua vocação e as grandes visões<sup>200</sup>.

O texto de Ez 37,1-14 é um dos mais ricos no que se refere ao uso do termo *ruah*; nele encontramos aproximadamente todos os sentidos de que o termo se reveste no Antigo Testamento. Só nesta perícopes ele ocorre 10 vezes. Aparece logo no versículo 1b como רוח יהוה; aparece também nos versículos seguintes: 5b.6d.8e simplesmente como רוח sem a presença do artigo (ה), podendo ser traduzido por “sopro de vida”, “hálito”.

Pode-se até referir-se a רוח sem artigo como um desconhecido, talvez se pudesse dizer como um/algum, pois ele não tem ainda definição. Todavia ela é concedida, e os ossos ganham vida<sup>201</sup>.

Essa nova força de vida é concedida a Israel, a fim de torná-lo capaz de reassumir a vida em conformidade com as exigências do Senhor, pois as conotações deste termo incluem força, coragem e valor. Além disso, רוח é o movimento da vida, atividade vital do ser humano como resultado de sua estrutura ontológica, por isso a רוח está nas mãos de YHWH<sup>202</sup>.

Já no v.9f, o termo aparece precedido pelo artigo (הַרוּחַ) e parece mais personificado. Neste mesmo versículo, o profeta é ordenado a invocar a רוח dos quatro ventos (מֵאַרְבַּע רוּחוֹת) sendo רוּחוֹת o plural de רוח. Este jogo de palavras significa que a רוח deve vir de toda parte, das quatro direções<sup>203</sup> ou dos quatro pontos cardeais.

<sup>200</sup> Cf. SCHREINER, Josef. Palavra – Espírito – Visão: atividade profética de Ezequiel. in Palavra e mensagem: introdução teológica e crítica aos problemas do Antigo Testamento. pp. 309-310.

<sup>201</sup> Cf. SCHWANTES, Milton. No espírito dos quatro ventos- estudando Ezequiel 37,1-14. op.cit. p.176.

<sup>202</sup> Cf. LOBOSCO, Ricardo Lengruber. *Traços Escatológicos em Ezequiel*. p.75.

<sup>203</sup> Em Ez ,1,17 o profeta também fala de quatro direções.

No v.14, רוּחַ aparece com o sufixo de primeira pessoa comum singular, originando a forma רוּחִי “*minha ruah*” que nos remete ao v.1b, onde se fala da רוּחַ de YHWH<sup>204</sup>.

A expressão רוּחַ יְהוָה que introduz a visão é diferente de outras expressões usadas em outros textos<sup>205</sup> que não se referem a רוּחַ num sentido teológico<sup>206</sup>. expressão בְּרוּחַ יְהוָה é gramaticamente surpreendente<sup>207</sup> pois ela indica que YHWH é o sujeito da sentença<sup>208</sup>. רוּחַ יְהוָה foi um termo técnico da escola profética, tão rígido, que não poderia, como realmente se esperaria aqui, ser mudado, para uma outra forma sufixal, como por exemplo, בְּרוּחִי (pelo seu espírito)<sup>209</sup>.

Reconhece-se, portanto, que בְּרוּחַ יְהוָה é usado, aqui, não devido ao gênero da passagem, mas porque numa perícopes em que se destaca o papel do espírito, a forma de como se menciona רוּחַ יְהוָה no v. 1b é fundamental para o entendimento de outras ocorrências da רוּחַ no relato, pois nem todas as formas da רוּחַ que aparecem no texto devem ser entendidas como o “Espírito de YHWH”. O leitor é convidado a ver por trás dos diferentes רוּחוֹת no texto, não somente como forças divinas, mas como um envolvimento pessoal de YHWH através da sua, רוּחַ<sup>210</sup>.

O uso de רוּחַ no v.1b também interage com וְנִתְחַי רוּחִי בָכֶם no v.14a. A, רוּחַ de YHWH, que primeiramente age em Ezequiel, tem o foco principal o povo de Israel. Ezequiel age como um paradigma para o povo. Ez 37,1-14 começa com o profeta transportado, pela רוּחַ para o vale cheio de ossos (cf. vv.1-2) e termina com a restauração de Israel e seu regresso à terra natal como obra da , רוּחַ (cf. v.14)<sup>211</sup>.

<sup>204</sup> ASURMENDI, J.M. op. cit. pp.65-66.

<sup>205</sup> Cf. Ez 27,26; 21,12; 42, 16-19.

<sup>206</sup> A רוּחַ que age sobre o profeta é um “vento” como o “Espírito”. Esta semelhança pode ser confirmada através de duas passagens Ez 11,5, onde o profeta recebe da própria רוּחַ o encargo de falar, e Ez 11,24 que se refere à recepção ou proclamação da pala profética.

<sup>207</sup> Falamos “gramaticalmente surpreendente” porque a preposição בְּ possui outras possibilidades de traduções além de “em”, como por exemplo, “contra” e, no caso de Ez 37,1b, indicando meio, “com” ou por meio de” (cf. ROSS, Allen P., Gramática do Hebraico Bíblico. pp.405-406.).

<sup>208</sup> Cf. RENZ, Thomas. op cit. p.201.

<sup>209</sup> Cf. ZIMMERLI, Walther. op cit. p.259.

<sup>210</sup> Cf. RENZ, Thomas. op cit. p.202.

<sup>211</sup> Cf. Ibid.,p.202.

O termo רוח é utilizado em Ez 37,1-14 com todos os seus significados: vento (cf. v.9f), sopro de vida (cf. 10c) e espírito de YHWH (cf. vv.1b,14a)<sup>212</sup>. Aparece como o vento que comporta toda uma dinamicidade, hora com uma força irresistível, que abala as casas e os cedros (cf. Ez 13,13;27,26); como o sopro<sup>213</sup> que sustenta e anima o corpo e sua massa<sup>214</sup> ou num plano mais elevado, um ser sobrenatural (רוח / רוח יְהוָה)<sup>215</sup>, pois em certos textos<sup>216</sup> os significados concretos “vento” e sopro/respiração se transportam para um âmbito que não é fisicamente perceptível, e nestes casos se pode se traduzir “espírito”, pois a força misteriosa que atua no vento e na respiração está sempre aberta a Deus<sup>217</sup>.

### 3.2.

#### Relevância do texto na época histórica

Como já foi indicado no item 1.2, que versa sobre a época do texto, Ezequiel viveu num momento muito difícil da história de Israel, que foi o período do exílio babilônico.

Anos antes que acontecesse a primeira deportação, Israel nutria um grande desejo de mudança, uma verdadeira reforma, tanto na área religiosa, como no campo social e, colocava todas as suas esperanças no jovem rei Josias. No entanto, a sua morte em 609 a.C causa grande impacto na história política e religiosa de Israel. A esperança de renovação foi dissipada<sup>218</sup>.

Josias morre tentando deter o faraó Neco. Procurou compensar sua inferioridade militar por meio de uma habilidosa estratégia esperando os egípcios em Meguido. Todavia, o seu plano deu errado e, possivelmente sem que sequer tenha acontecido a batalha, conforme 2Rs 23,29, o faraó conseguiu, de maneira ignorada, apoderar-se de Josias matando-o sem hesitar<sup>219</sup>.

<sup>212</sup> Cf. TKACIK, Arnold J. Ezequiel. In: Comentário bíblico San Jeronimo: Antigo Testamento. p. 72.

<sup>213</sup> Em hebraico o termo “*nepesh*” também realiza essa atividade de animar o corpo. Todavia, a רוח é o principio da vida racional e imortal do homem. Outorga a imagem divina ao homem e constitui a dinâmica vivificante que resulta no *nepesh*. O *nepesh* é o centro das suas emoções e desejos, enquanto a רוח é a força e o poder da vida. (cf. PAYNE, J. Barton. “רוח”.DITAT, p.1409.)

<sup>214</sup> Cf. LOBOSCO, Ricardo Lengruher. Traços Escatológicos em Ezequiel. p.76.

<sup>215</sup> Cf. PAYNE, J. Barton. “רוח”.DITAT, p.1409.

<sup>216</sup> Cf. 1Rs 22,24; 1Sm 11,6; Ez 37,1.

<sup>217</sup> Cf. ALBERTZ, R.; C. Westermann, “רוח” in JENNI, E.; WESTERMANN, C. op cit., p.934.

<sup>218</sup> Cf. ALBERTZ, R. Historia de la Religión de Israel en tiempos del Antiguo Testamento, v. 1. p.435.

<sup>219</sup> Cf. DONNER, Herbert. História de Israel e dos povos vizinhos, v. 2. p.406.

Mesmo com a morte de Josias, os reformistas continuam com intento de promover as reformas já iniciadas e, elegem logo como rei Joacaz, um dos filhos mais novos de Josias, sem levar em conta a norma de sucessão<sup>220</sup>. No entanto, interessado em apoderar-se da herança assíria na Palestina, Neco aproveita-se da situação, destrona Joacaz e nomeia como novo rei, outro filho de Josias, Eliaquim, mudando o seu nome para Joaquim. Nesse mesmo período, Joaquim rompe com o grupo dos reformistas e fortalece a aristocracia. Essa por sua vez, olhava com desconfiança os planos de reforma social tão queridos pelos reformistas. Dessa forma, aparece novamente certos mecanismos de opressão do pobre e, por conseguinte, a dimensão da reforma estaria condenada ao fracasso<sup>221</sup>.

O livro dos Reis (cf. 2Rs 23,36-24,7) não relata nada favorável ao rei Joaquim. Narra que Joaquim derramou sangue inocente. De acordo com Jr 22,13-19, ele foi um tirano para os seus compatriotas e um vassalo impotente para os estrangeiros. A história de sofrimento de Jeremias tem início sob o seu reinado. Este rei permitiu que Jeremias fosse preso e maltratado pelo sumo sacerdote da época. Em outra ocasião, ele queimou um rolo contendo as palavras do profeta (cf. Jr 36)<sup>222</sup>.

Em 605, aconteceria uma mudança de poder, pois depois da batalha de Carquemis, a hegemonia sobre o corredor siro-palestinense passou das mãos dos egípcios para as mãos dos babilônios. Contudo, Joaquim permaneceu vassalo babilônico durante três anos (cf. 2Rs 24,1). Depois disso, ele começou a pensar em rompimento<sup>223</sup>.

Nesse período, segundo Albertz, constata-se a existência de dois partidos políticos. O primeiro, chamava-se partido nacionalista: esse grupo não se sentia bem com a situação política em que vivia. Já o segundo, era o partido dos reformadores que apoiava a soberania babilônica. Pertenciam a este grupo os profetas Jeremias e Ezequiel<sup>224</sup>.

Ao contrário de Jeremias, Joaquim tinha mais simpatia pelo Egito. Por isso, na ilusão de poder derrotar o seu novo soberano resolveu não mais pagar o tributo cobrado (cf. 2Rs 24,1). Em resposta a essa atitude, os babilônios sitiaram

<sup>220</sup> Cf. DONNER, Herbert. op cit. p.421.

<sup>221</sup> Cf. ALBERTZ, R. op cit. pp.436-437.

<sup>222</sup> Cf. GUNNEWEG, Antonius H.J. História de Israel. Dos primórdios até Bar Kochbah e de Theodor Hertzl até os nossos dias. p.199.

<sup>223</sup> Cf. DONNER, Herbert. op cit. pp.422-423.

<sup>224</sup> Cf. ALBERTZ, R. op cit. pp. 443-444.



Jerusalém, em 598. Todavia, Joaquim não experimentou o castigo babilônico, pois veio a falecer pouco antes<sup>225</sup>.

É neste ambiente tenso do ano de 598 a.C que sobe ao trono Joaquin, filho de Joaquim, que logo terá que enfrentar a cólera do rei da Babilônia, Nabucodonosor, que no ano seguinte, 597, sitiaria Jerusalém, levando como prisioneiro o jovem rei, a família real, os oficiais, os dignitários de sua corte e os seus eunucos (cf. 2Rs 24,12)<sup>226</sup>.

No entanto, antes da deportação, Joaquin se antecipa e vai ao encontro de Nabucodonosor e oferece rendição. Esta manobra de Joaquin salvou a cidade da destruição. Neste período os tesouros do templo e do palácio foram apreendidos pelos babilônios. Até a morte de Nabucodonosor, Joaquim viveu entre os exilados na Babilônia e sobrevivia com uma pensão que lhe foi concedida (cf. 2Rs 25,25-30)<sup>227</sup>.

Com estes acontecimentos, inicia-se a primeira deportação babilônica (cf. 2Rs 24,10-16). Em Jerusalém, é colocado como novo governante, o tio de Joaquin, Sedecias que faz um juramento de vassalagem aos dominadores (cf. 2Rs 24,17-20)<sup>228</sup>. Entretanto, a situação do reino de Judá se agravaria de maneira catastrófica, pois o rei Sedecias se revoltaria contra a Babilônia. Nabucodonosor, em contrapartida, coloca um fim nesta situação e, em dezembro de 589 a.C, arma um cerco pela segunda vez em volta de Jerusalém<sup>229</sup>. Este cerco perdura por 18 meses e em julho 587/86<sup>230</sup>, Sedecias tenta escapar por uma brecha feita no muro da cidade, mas foi capturado perto de Jericó, levado à presença de Nabucodonosor e depois de presenciar a morte dos filhos teve os olhos perfurados e foi conduzido à Babilônia, onde ele deveria terminar os seus dias (cf. 2Rs 25,7)<sup>231</sup>. Neste mesmo período<sup>232</sup> o templo foi completamente destruído.

<sup>225</sup> Cf. GUNNEWEG, Antonius H.J. op cit. p.199.

<sup>226</sup> Cf. JOANNÈS, Francis. La vie des déportés de Juda en Babylonie. In: Le Monde de La Bible, N° 161. p. 28.

<sup>227</sup> Cf. GUNNEWEG, Antonius H.J. op cit. p.200.

<sup>228</sup> Cf. KESSELER, Rainer. História Social do Antigo Israel. p. 154.

<sup>229</sup> Cf. 2Rs 25,1-21; Jr 52,1-16

<sup>230</sup> Como para essa época as crônicas babilônicas não foram preservadas, a datação certa é controvertida.

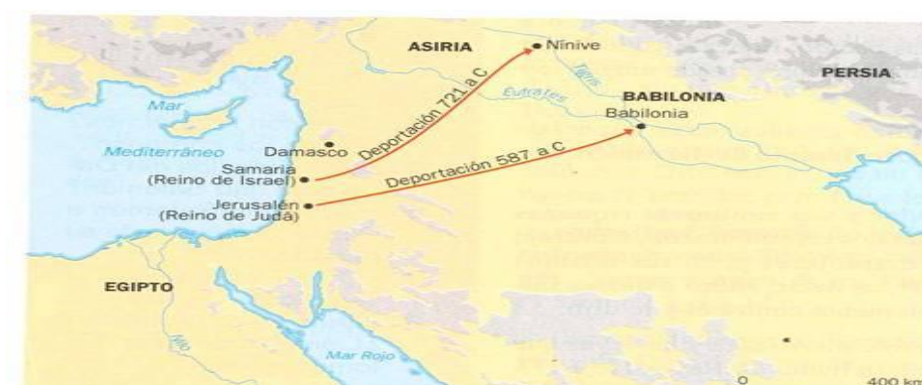
<sup>231</sup> Cf. JOANNÈS, Francis. loc. cit.

<sup>232</sup> Quanto à data dessa destruição, nós encontramos referências tanto em 2Rs 25,8, como também em Jr 52,12. Todavia, percebe-se uma contradição entre estes dois textos. O livro dos Reis relata: “No quinto mês, no dia sete...” ao passo que Jeremias diz: “No quinto mês, no décimo dia...” Comparando as duas descrições, percebe-se que elas possuíam uma fonte comum. Contudo, pode-se deduzir que o texto de Jr 52, 12 apresenta a data mais exata da destruição do templo (cf.

Com a destruição de Jerusalém, desapareceu também a autonomia do Estado, a monarquia e seus órgãos governamentais. Todavia, Nabucodonosor encarregou Godolias, neto do chanceler do governo de Josias, de criar uma situação ordenada na terra (cf. 2Rs 25,22-26). Godolias, por sua vez, não desejando morar em Jerusalém, transferiu a sede do governo para Masfa<sup>233</sup>.

Abaixo apresentamos dois mapas<sup>234</sup>: o primeiro mostra o trajeto de Israel ao exílio e, o segundo apresenta o novo império babilônico e o reino de Israel dentro dos seus domínios.

## I.



## II.



AVIOZ, Michael. When was the first Temple destroyed, according to the Bible? in *Biblica*, v. 84. pp. 562-565.

<sup>233</sup> Cf DONNER, Herbert. op cit. p.431.

<sup>234</sup> Cf. MARTIN-MORENO GONZÁLES, Juan Manuel. *História de Israel*. <<http://www.upcomillas.es/personal/immoreno/curs/index.htm>> acesso em 15 março, 2010.

Como se pode perceber através do segundo mapa, o território de Israel foi integrado ao império babilônico. Formou-se, então uma província autônoma. Godolias, nomeado governador por Nabucodonosor, não ficou muito tempo no poder, pois foi assassinado juntamente com seus funcionários e uma guarnição de soldados babilônicos que o acompanhavam (cf. 2Rs 25,25-26)<sup>235</sup>.

A seguir apresentaremos um quadro<sup>236</sup> com um resumo histórico dos acontecimentos que marcaram os últimos anos de Judá.

### Os últimos anos de Judá

| Fontes                                                         | Cenário internacional                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | Judá                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|----------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 2Rs 21-25<br>2Cr 33-36<br>Textos extra-bíblicos <sup>237</sup> | <p><b>1º Período: 669-627</b></p> <p>Duas fases:</p> <p>1ª tranquilidade sob Assurbanipal</p> <p>2ª depois: muitas revoltas. Sob o rei babilônico Nebopalassar (625-605), a Babilônia se torna independente. Em 612, os babilônios, aliados aos medos, tomam Nínive. Em 606 caem as últimas resistências do império assírio.</p> <p><b>2º Período:</b> luta entre Babilônia e Egito sobre o domínio da Síria e Palestina.</p> <p>*entre 609 e 605, o Egito domina a região.</p> | <p><b>1º Período: 630</b></p> <p>época da maioridade de Josias .</p> <p>*Inicio da debilidade da Assíria, Judá se torna independente.</p> <p>*Expansão das fronteiras para o norte.</p> <p>*Reforma religiosa (2Rs 22-23): contra os cultos nos lugares altos; centralização do culto; redescoberta do livro da Lei to templo.</p> <p>*Josias morre na batalha contra o faraó Neco II (609).</p> <p><b>2º Período:</b> luta entre egípcios e babilônios.</p> <p>*609: Judá vassalol do Egito, após a derrota de</p> |

<sup>235</sup> Cf. STADELMANN S J., Luís L. J. Fidelidade em época de crise: A importância dos remanescentes em Judá para a preservação da fé javista. In: Perspectiva Teológica, 19. p. 185.

<sup>236</sup> Quadro histórico fornecido pela Profa.: Maria de Lourdes Corrêa Lima na disciplina Tópicos de História de Israel I, no período: 2008.1

<sup>237</sup> Como textos extra-bíblicos utilizamos alguns livros que abordam a história de Israel, como por exemplo, KESSELER, Rainer. História Social do Antigo Israel; ALBERTZ, R. Historia de la Religión de Israel en tiempos del Antiguo Testamento.

|  |                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|--|------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <p>*em 605, na batalha de Karkémish (Jr 46,2), Nabucodonosor (605-652) domina a Palestina.</p> | <p>Josias. O rei joacaz é substituído por outro filho de Josias. Eleacim, que mudou o nome para Joaquim (609-597).</p> <p>*605: a Babilônia domina o Egito e Judá.</p> <p>*601/600: Joakim revolta-se contra a Babilônia. Assédio de Nabucodonosor a Jerusalém seguido da morte de Joaquim.</p> <p>*598: Jojahin sobe ao poder. Resiste, momentaneamente, mas depois se rende aos babilônios: <b>1ª deportação</b> (598/7). Jojahin é levado para Babilônia, onde tem um tratamento favorável.</p> <p>*598/507: Matanias, outro filho de Josias, regente. Muda o nome para Sedecias.</p> <p>*594/3: coalizão antibabilônica (sem efeitos).</p> <p>*589/588: nova revolta <b>587/586</b>: destruição de Jerusalém; <b>2ªdeportação</b>.</p> <p>*587/6: Godolias é feito governador de Judá, mas é assassinado pouco depois (cf.2Rs 25,22).</p> <p>*Jr 52,30: uma 3ª deportação (582)?</p> |
|--|------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Quando os exércitos babilônicos conquistaram Judá no início do século VI a.C., desencadeou-se uma série de problemas físicos, socioeconômicos e também teológicos. O exílio significou morte, deportação, destruição e devastação. Ignora-se quantas pessoas morreram, mas o cerco fez vítimas pela fome e muitas outras morreram na luta. Alguns fugiram ou esconderam-se em cavernas (cf. Jr 40,11-12)<sup>238</sup>.

### **A Palestina na época do exílio**

De acordo com 2Rs 25,12 e Jr 52,16, os que foram deixados para trás, ou seja, os que se encontravam no país eram os pobres da terra, alguns vinhateiros e agricultores. De acordo com o livro das Lamentações a situação era caótica. Não se lamentava somente as destruições em geral, mas também o fato de que a comida (1,11), a bebida (4,4) e a lenha (5,4) eram escassas e caras. Fala-se que mulheres são violentadas e que as autoridades tradicionais são destituídas de poder. Segundo as Lamentações esta catástrofe parece não ter fim<sup>239</sup>. Nos lábios do povo prevalecia a queixa geral a respeito da miséria que havia atingido Jerusalém e Judá<sup>240</sup>.

Godolias tomou uma série de medidas político-econômicas que visavam a pacificação e o saneamento do país flagelado pela guerra. Conforme Jr 40,9, ele fez com que as pessoas judaítas refugiadas em países vizinhos voltassem e a safra das plantações fosse colhida a tempo<sup>241</sup>.

O problema crucial a ser enfrentado era o perigo da desintegração da comunidade de judeus que estava no país. Faltavam os elementos de coesão que até então estruturavam a sociedade e aglutinavam os diversos setores da vida pública. Com as deportações dos líderes da nação, dos nobres, dos sacerdotes e dos detentores do poder político e econômico, entrou em crise a ordem pública com ameaças de subversão e anarquia, que poderiam causar a dispersão dos judeus remanescentes. O governo babilônico, para evitar uma situação de anarquia, distribuiu entre a população as terras dos deportados (cf. Jr 39,10;52,16)<sup>242</sup>.

<sup>238</sup> Cf. KLEIN, Ralph W. Israel no exílio: uma interpretação teológica. p. 12.

<sup>239</sup> Cf. KESSELER, Rainer. op cit. pp. 158-159.

<sup>240</sup> Cf. DONNER, Herbert. op cit. p.431.

<sup>241</sup> Cf. GUNNEWEG, Antonius H.J. op cit. p.206.

<sup>242</sup> Cf. STADELMANN S J., Luís L. J. op cit. p.188.

Todavia, essa distribuição de terras não teve apenas consequências econômicas, essa reestruturação social e jurídica interferiu também na vida religiosa, na medida em que esse povo humilde, possivelmente, era composto não de israelitas genuínos, mas por descendentes de cananeus ou por outras parcelas populacionais não israelitas. Em contraposição, o **עַם הָאֶרֶץ** que representava, na época pré-exílica, o partido conservador, no tempo pós-exílico, designa a população rural pagã ou semipagã. E isso tudo como fruto da reestruturação social introduzida na época babilônica<sup>243</sup>.

Não há dúvidas de que as campanhas babilônicas investidas contra a Palestina causaram a destruição total ou parcial de várias cidades de Judá além de Jerusalém. A arqueologia confirma que este foi o caso de Ein Guedi, Arad, Beit Shemesh, Lakish e Ramat Rahel, cidades situadas ao sul de Jerusalém. Essa perda demográfica acarretou uma diminuição da importância política e militar de Judá<sup>244</sup>.

#### **A situação dos exilados na Babilônia:**

A vida dos exilados na Babilônia não é fácil de se descrever com precisão. Contudo as poucas informações que se tem, sobretudo, aquelas referentes ao tratamento oferecido ao rei Joaquin, é de que os exilados não eram tratados como cativos no sentido pleno da palavra. As poucas informações encontradas, nos são fornecidas por Ezequiel e Jeremias. Tudo indica que eles gozavam de uma razoável liberdade, viviam em comunidades, talvez, engajados em algum trabalho para os babilônios, mas possivelmente, engajados numa agricultura de subsistência com possibilidades de casar-se, de orientar seus próprios negócios<sup>245</sup>.

As pessoas exiladas foram assentadas no Baixo Eufrates e Tigre e formavam ali uma população de súditos semilivres<sup>246</sup>. Os textos de Ezequiel 8,1;14,1 e 20,1 mencionam anciãos. Estes possivelmente seriam os chefes dos diversos clãs, o que indica que os exilados podiam viver em suas antigas estruturas familiares. Jeremias escreve uma carta aos exilados (cf. Jr 29) confirmando que os exilados

<sup>243</sup> Cf. GUNNEWEG, Antonius H.J. op cit. p.207.

<sup>244</sup> Cf. LIVERANI, Mario. Para além da Bíblia. p.241; GONÇALVES, Francolino J. El “Destierro” considerações históricas. In: Estudios Bíblicos 55 (1997) pp. 457-458.

<sup>245</sup> Cf. ACKROYD, Peter R. Exile and Restoration. pp. 31-32.

<sup>246</sup> Os documentos diretamente relativos aos judeus na Mesopotâmia durante o exílio são muito raros. Contudo mencionamos os arquivos de Murashu que nos dão a informação de que os judeus que viviam na Babilônia eram, na sua maioria, agricultores e outros até exerciam atividades comerciais (cf. GONÇALVES, Francolino J. op cit. p. 450).

poderiam possuir casas e hortas. Depois de algum tempo de adaptação e aculturação, parte dos exilados chegou a ter uma vida abastarda<sup>247</sup>.

Além disso, a Babilônia sabia aproveitar muito bem a qualificação profissional dos judeus, outorgando terras à maioria para cultivá-las, empregando os artesãos nas obras públicas, os letrados na administração e os homens de armas no exército. Os judeus, que constam no livro de Murashu são em sua maioria agricultores, mas havia também, entre eles, aqueles que exerciam atividades comerciais<sup>248</sup>.

Olhando sob esse aspecto, parece que tudo estava indo muito bem para os exilados. Mas não é o que parece, pois os sofrimentos do povo exilado eram interiores e não se baseavam na sua condição de vida. Para eles, a Babilônia era um país estranho e impuro (cf. Ez 4,13), um país no qual não era possível sentir em casa e no qual o culto legítimo não era possível, pois este desde a reforma de Josias, era permitido exclusivamente em Jerusalém. Assim, os exilados viviam da lembrança de Jerusalém e da saudade da pátria querida, que, contudo, na segunda geração começou a esfriar<sup>249</sup>.

Embora o exílio não fosse um cativeiro, ele gerou uma crise intelectual e religiosa que se tornava mais radical para as pessoas exiladas do que para os remanescentes na terra, pois, de acordo com interpretação tradicional, estar longe da terra prometida e do local da presença divina significava estar longe de Deus e de sua salvação<sup>250</sup>.

Esse pensamento já demonstra os desafios e os problemas teológicos que os judeus deveriam enfrentar, quer estivessem eles na pátria ou longe dela. Em primeiro lugar, o templo tinha sido incendiado, completamente destruído. Considerado o estrado dos pés de YHWH (cf. Lm 2,1), o lugar de sua morada (cf. 1Rs 8,13; Ez 43,7), seu lugar de repouso (cf. Sl 132,14), ou o lugar onde se poderia ver a sua face (cf. Is 1,12), já não existia mais. O templo era o símbolo da eleição do povo e lembrança das ações de Deus na história a seu favor. Agora esse templo tinha sido consumido pelo fogo e os inimigos tinham invadido o santuário

---

<sup>247</sup> Cf. GUNNEWEG, Antonius H.J. op cit. p.211.

<sup>248</sup> Cf. GONÇALVES, Francolino J. op cit. p. 451.

<sup>249</sup> Cf. DONNER, Herbert. op cit. pp.435-437.

<sup>250</sup> Cf. GUNNEWEG, Antonius H.J. op cit. p.212.

em que estranhos não podiam sequer pisar (cf. Lm 1,10; Dt 23,3-4). Essa catástrofe pusera YHWH e seu poder em questão<sup>251</sup>.

Provavelmente, sempre houve dúvidas sobre YHWH e seu poder entre os israelitas (cf. Sf 1,2), mas a queda de Jerusalém as intensificou. Os acontecimentos pareciam ser dirigidos por um destino cego que atingia o inocente (cf. Ez 18,12). Como consequência, alguns que ficaram na Palestina, voltaram-se para cultos estrangeiros, pois também ali, estando o templo destruído, não era possível mais considerá-lo sinal da presença de Deus. Dessa forma, chegou a prevalecer uma religião popular com características mais cananéias do que do javismo. Houve ainda um ressurgimento de práticas de magia que tinham sido secretamente preservadas e transmitidas, bem como vários cultos ignominiosos<sup>252</sup>.

O segundo problema teológico era o fim da dinastia davídica. YHWH não havia prometido dinastia perene a Davi (cf. Sm 7)? Não tinham os salmos régios visto nele o filho adotivo de YHWH (cf. Sl 2,7) e o meio através do qual as bênçãos de YHWH seriam canalizadas ao povo (cf. Sl 72,6)? Agora Sedecias tinha sido preso, seus dois filhos assassinados diante de seus olhos e ele teve os olhos perfurados. Seu sobrinho Joaquin, que reinara por apenas três meses em 597, era prisioneiro em Babilônia. Em suma, quase todos os antigos sistemas de símbolos se tornaram inúteis. Quase todas as antigas instituições não funcionavam mais. Que tipo de futuro era possível para um povo que atribuía sua escolha exclusiva a um Deus que acabara de perder a guerra para as outras divindades?<sup>253</sup>

No entanto, não foi YHWH quem fracassou, ele não era impotente e incapaz de ajudar seu povo, foi Israel quem falhou. Contudo, se o fracasso não é de YHWH, existem também motivos para uma nova esperança. Ezequiel vai anunciar aos exilados a ruína do Estado remanescente de Judá e de Jerusalém, tirando-lhes qualquer esperança por uma restauração do que fora outrora<sup>254</sup>.

Em Ez 37 o ideal de um novo povo, de uma nova unidade e de uma nova aliança está ligada ao novo ideal de um Davi<sup>255</sup> Pastor<sup>256</sup>. YHWH fará com Israel

<sup>251</sup> Cf. KLEIN, Ralph W. op cit. pp. 13-14.

<sup>252</sup> Cf. FOHRER, Georg. op. cit. p. 402.

<sup>253</sup> Cf. KLEIN, Ralph W. op cit. pp.14-15.

<sup>254</sup> Cf. GUNNEWEG, Antonius H.J., Teologia Bíblica do Antigo Testamento. p.289.

<sup>255</sup> No que se refere à promessa sobre Davi, Ezequiel admite o seu fim definitivo (cf. Ez 19). No entanto ele, não deixou de falar de um futuro messiânico. Visto que a casa de Davi havia caído, essa promessa messiânica ganha uma nova interpretação, ou seja, as promessas messiânicas, agora serão transferidas para o povo. (cf. RAD, Gerhard Von. Teologia do Antigo Testamento, vol. II. p.263-264).



uma nova aliança e lhe concederá todas as bênçãos . YHWH, mesmo, será o seu Senhor, o pastor juso<sup>257</sup>.

Em síntese, é neste contexto socioeconômico e religioso que o povo eleito se encontrava: quem estava na terra vivia o medo, a incerteza e, diante de tantos acontecimentos catastróficos, até mesmo a falta de fé. Quem estava longe da terra sofria gravemente, porque estava privado da terra mãe e, acima de tudo, não podia nem mesmo peregrinar e rezar sobre as ruínas outrora destruídas por Nabucodonosor. Diante disso não restava outra atitude senão aquela de lamentar: “nossos ossos secaram, pereceu nossa esperança, fomos extirpados” (cf. Ez 37,11d-f).

Não obstante esta situação, Ez 37,1-14, na sua introdução solene, nos apresenta a ação iminente da “mão de YHWH”, não mais em Jerusalém (donde vinha toda segurança), mas agora numa terra estrangeira, na própria Babilônia. Nesta novidade, reside a extraordinária mensagem de Ezequiel: identificou a presença de YHWH entre os exilados e encontrou formas de animá-los nesse momento tão difícil<sup>258</sup>.

Ez 37, 1-14 tem especial relevância, neste momento histórico, pois o profeta compartilhando da mesma sorte dos exilados, infundirá, pela força do espírito de YHWH que o possui desde o começo de sua vocação (cf. Ez 1-3), a esperança do retorno para Jerusalém. Não mais com “ossos secos”, com “coração de pedra” (cf. 36,26c), mas com um “coração de carne” (cf. 36,26d), um “coração novo” (cf. Ez 36,26a). Então na volta, querida por YHWH, tudo será reconstruído, será verdadeiramente um novo Êxodo, sem injustiças e sem idolatrias.

Enfim, a visão dos ossos secos é uma excelente síntese do conjunto de oráculos de salvação, que capta e orienta as preocupações principais de um povo, que se encontrava desintegrado e sem esperança, com o objetivo de animá-lo garantindo a presença salvadora de YHWH.

---

<sup>256</sup> Cf. ACKROYD, Peter R., op. cit. p.114.

<sup>257</sup> Cf. SHREINER, J. Palavra e Mensagem do Antigo Testamento. p. 292.

<sup>258</sup> Cf. LOBOSCO, Ricardo Lengruber. op. cit. p.23.

### 3.3.

#### **Relação entre nova criação e salvação e seu acontecimento como obra da ריח**

Tudo o que estava acontecendo com povo eleito, nos faz lembrar Gn 1,2, onde encontramos a apresentação de um mundo como massa informe, como um caos aquoso existindo antes do ato criador de YHWH. É sobre este caos que a ריח אלהים começa a agir<sup>259</sup>.

A nova criação apresentada por Ezequiel, também, acontece em meio ao caos, ela não passa ao lado da destruição, mas pressupõe a sua efetivação. Dirige-se àqueles que experimentaram o desastre. A dor dos exilados, e não seu ufanismo é o berço do projeto ezequielano. Contudo, se há futuro, este não é criação dos cativos, mas de YHWH<sup>260</sup>.

Quanto a esta nova criação<sup>261</sup> apresentada por Ez 37,1-4, podemos fazer três observações<sup>262</sup>:

1ª A dependência radical de YHWH para qualquer esperança no futuro pode ser tomado com o tema central desta passagem. A própria secura dos ossos e as queixas do povo sobre sua condição sem qualquer esperança enfatiza que não há qualquer possibilidade de autolibertação. Ao descrever a restauração de Israel como nova criação, o profeta alude a uma atividade que por definição é obra exclusiva de Deus.

2ª A nova vida na terra não é fim em si mesma. A revificação dos ossos revestidos de carne (cf.v.6) e a subsequente doação da terra (cf.vv.13-14) tem como finalidade última o reconhecimento da verdadeira identidade de YHWH: “e sabereis que Eu sou YHWH” (cf. v.14). Este fato derruba qualquer ideia meramente nacionalista da salvação.

3ª A perícope termina com um forte apelo à palavra de YHWH como base da esperança: “Eu falei e fiz, oráculo de YHWH” (cf. v.14e-h). A esperança transmitida por esta visão não é apenas uma possibilidade, um entre muitos cenários futuros. O poder que garante vida nova após o exílio é a palavra criadora de YHWH proclamada pelo profeta.

<sup>259</sup> Cf. DIANNE, Bergant; KARRIS, Robert J. (Orgs.). Comentário Bíblico I. p. 57.

<sup>260</sup> Cf. SCHWANTES, Milton. Sofrimento e Esperança no Exílio. História e teologia do povo de Deus no século VI a.C. pp. 106-107

<sup>261</sup> Cf. GOWAN, Donald E. Theology of the Prophetic Books. The Death & Resurrection of Israel. p. 134.

<sup>262</sup> Cf. KLEIN, Ralph W. op. cit. pp. 99-100

Com base na situação em que Israel estava vivendo pode-se então perceber que o futuro do povo eleito só pode ser entendido pela categoria de vida a partir da morte. O futuro de Israel acontecerá sem qualquer auto-ajuda de si mesmo, e esta visão dos ossos secos expressa a promessa incondicional de YHWH para o futuro.

Essa promessa de YHWH se concretiza numa Nova Criação. O povo do exílio equipara-se a um vale cheio de osso (cf. Ez 37,11b). “Estavam muito secos” (cf. Ez 37,2c). É e o extermínio, a morte, o desfalecimento, a dor do exílio. Contudo, a palavra de YHWH reconstitui esse povo. “Aproxima os ossos uns dos outros” (cf. Ez 37,7f). Coloca-os “em pé” (cf. Ez 37,10e) e enfim, Israel é recriado<sup>263</sup>.

Como já vimos, anteriormente, há um paralelismo muito forte entre o relato da criação de Gn 2,7 e Ez 37,1-14 de modo que o primeiro compõe um pano de fundo para o texto ezequielano<sup>264</sup>. Em meio à ausência de vida, YHWH faz emergir a vida, de um vale de ossos, Ele faz ressurgir um exército numeroso (cf. Ez 37,10). Esta criação anunciada por Ezequiel não será, simplesmente, um aperfeiçoamento do que já existe, mas será criação nova: após o exílio haveria de começar outra história, um projeto diferente, com pessoas com coração novo, recriadas pela רִיחָ (cf. Ez 36,26-27)<sup>265</sup>.

Ao considerarmos YHWH como criador percebemos, ainda, que há uma relação do criador com a sua criação e uma ligação entre criação e providência. A criação não está à mercê de sua própria sorte ou destino, como se o criador não tivesse nenhuma relação como o criado. O acaso não tem predominância sobre a criação, uma vez que existe uma sábia providência que sobressai, ainda que tudo pareça estar perdido, como é o caso de Ez 37,1-14, onde o povo lamenta: “nossos ossos secaram, pereceu nossa esperança, nós fomos extirpados” (cf. Ez 37,11d-e)<sup>266</sup>.

Pode-se dizer que esta Nova criação estabelece uma íntima relação com a obra da salvação, caracterizando-se como um pano de fundo, uma preparação para ação salvadora de YHWH em favor do seu povo. Mas foi somente depois da

<sup>263</sup> Cf. SCHWANTES, Milton. op. cit. pp.107-108.

<sup>264</sup> Cf. KLEIN, Ralph W. op. cit. p. 99.

<sup>265</sup> Cf. SCHWANTES, Milton. loc. cit.

<sup>266</sup> Cf. ROCHA, Nelson Célio de Mesquita. Dimensões teológicas da Criação e Salvação na teologia de Pierre Gisel. In: Atualidade Teológica, fasc. 34. p. 15.

dolorosa experiência do exílio que Israel teve consciência de tudo que formava esta nova época de sua história com YHWH<sup>267</sup>.

Quando o Antigo Testamento descreve a salvação nas áreas diferentes do povo, do indivíduo e do gênero humano, quer indicar a universalidade de YHWH como salvador. Todo homem já teve provas disto, pois foi criado para a vida (cf. Gn 2,7). No entanto, enquanto vive, o homem se vê cercado pelos riscos, pode sofrer ataques e ferimentos. Quem sobrevive experimenta a salvação, quer seja o povo, quer seja o indivíduo<sup>268</sup>.

Para o conceito de salvação, faz-se necessário, uma análise da raiz נצַל<sup>269</sup>, pois ela expressa muito bem a ação de YHWH em favor de Israel. נצַל tem como sentido básico, ser resgatado, salvo (cf. Gn 32,31), salvar-se, escapar (cf. Dt 23,16) e num sentido mais ativo: tirar, livrar, resgatar (cf. Ez 14,14)<sup>270</sup>. O verbo נצַל tendo YHWH como sujeito gramatical, tem por fundamento a prova e a esperança de que YHWH libertará e salvará Israel e o indivíduo quando ameaçados por tribulações (cf. Ex 18,4ss; Jz 6,9; 1Sm 10,18)<sup>271</sup>.

A raiz נצַל envolve uma salvação ou um livramento pessoal literal, frequentemente físico (cf. Gn 32,11; Jz 10,15), mas não sem significados ou implicações espirituais. A salvação espiritual mediante o perdão dos pecados é, com certeza, abordada nos Salmos 39,9; 51,16; 79,9<sup>272</sup>.

Depois destas considerações podemos, portanto, elaborar uma definição para o conceito de salvação dentro de uma perspectiva bíblica, visto que o Antigo Testamento apresenta uma sucessão de fatos salvadores que reclamam por expressões verbais ou ativas. Portanto, salvação é “arrancar” ( נצַל ) do perigo mortal, resultando daí a recuperação da vida normal enriquecida pela experiência da salvação e da união com o salvador divino<sup>273</sup>.

<sup>267</sup> Cf. VON RAD, Gerhard. Teologia do Antigo Testamento. p. 133.

<sup>268</sup> Cf. WESTERMANN, Claus. Teologia do Antigo Testamento. p. 35.

<sup>269</sup> A raiz נצַל não aparece em Ez 37 1-14, que na sua estrutura, como veremos, já apresenta a idéia de salvação. Todavia, pareceu-nos conveniente, um breve estudo sobre ela, pois Ez 37 1-14, só pode ser entendido dentro de um contexto de salvação (נצַל). (cf. WESTERMANN, Claus. Prophetic Oracles of Salvation in the Old Testament. p. 173).

<sup>270</sup> Cf. HOLLADAY, William L. Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento. p.346.

<sup>271</sup> Cf. WESTERMANN, Claus. loc. cit.

<sup>272</sup> Cf. KAISER, Walter C. “נצַל”. DITAT, p.933.

<sup>273</sup> Cf. WESTERMANN, Claus. op. cit. p. 40.

Por causa das múltiplas variedades dos riscos humanos, são diversas também as experiências da salvação, sendo o seu causador, o próprio YHWH<sup>274</sup>. Como criação o mundo é obra do Deus providente; é lugar de efetivação, de prática ou de história. É realidade estabelecida pelo próprio criador. É uma obra que reenvia a um Deus com vontade e liberdade; agente e ativo<sup>275</sup>.

Visto que a ação salvadora acontece numa série de fatos, ou seja, na história, ela segue também um esquema fundamental: aflição, clamor a YHWH, atendimento, redenção e resposta do remido. A aflição e a sua superação acontecem dentro cotidiano do povo, por isso pode-se dizer que ocorre uma salvação “profana”. Já os três elementos restantes (clamor a YHWH, atendimento e redenção) tornam especificamente a salvação um acontecimento dialético quando começa o encontro com YHWH<sup>276</sup>.

Em Ez 37, 1-14, pode-se, também, constatar este esquema salvífico:

vv. 1-2: situação do povo.

v.3: interrogação feita por YHWH.

vv.4-6: **Promessa de Salvação.**

vv. 7-8: início do cumprimento da promessa sem a presença da ריח.

vv. 9-10: pleno cumprimento da promessa com a presença da ריח.

vv. 11: **aflição e clamor:** “*nossos ossos secaram, pereceu nossa esperança...*”

vv.12-14c: **atendimento e promessa de redenção.**

vv.14d-e: **resposta do povo que consistirá no reconhecimento de YHWH como Senhor.**

Como se pôde perceber este esquema de Ez 37,1-14, também apresenta o roteiro das ações salvíficas de YHWH, o que nos leva a afirmar com mais veemência que há uma profunda relação entre criação e salvação. No exílio, o povo descobre com mais clareza que o mesmo Senhor que o criara, seria o mesmo que o salvaria.

No exílio, o povo tem a percepção de que YHWH é fiel. O Deus que criou todas as coisas e que tudo sustenta. Ele concede a bênção da fecundidade e da

<sup>274</sup> Cf. id. Oracles of Salvation. In: The place is too small for us. pp.98-104.

<sup>275</sup> Cf. ROCHA, Nelson Célio de Mesquita. op. cit. p. 16.

<sup>276</sup> Cf. WESTERMANN, Claus. op. cit. p. 40.

administração responsável ao homem sobre a obra da criação. A prova do favor divino é a paz, e a salvação que tem o objetivo de conduzir o povo à vida<sup>277</sup>.

De modo geral, no Antigo Testamento, o Deus que salva e o Deus que abençoa é também o Deus que cria, por isso, podemos afirmar que Israel conheceu YHWH como salvador, na experiência do êxodo, antes de conhecê-lo como criador<sup>278</sup>. Portanto, não seria exagero afirmar que quando o Antigo Testamento refere-se à libertação do Egito fornece a primeira orientação e o ponto de partida para fé israelita<sup>279</sup>.

Neste momento, é pertinente estabelecer uma relação entre a protologia e a soteriologia e verificar que, à luz da pneumatologia veterotestamentária, estas são realidades intimamente conexas entre si. O caos do exílio de Israel se torna matéria-prima sobre a qual a רוח de YHWH vai agir para que aconteça uma nova criação<sup>280</sup>.

YHWH sempre cria através do seu espírito e pelo seu poder. A presença do espírito de YHWH conseqüentemente, condiciona a potencialidade e as realidades de sua criação. O espírito foi derramado sobre tudo que existe. É ele quem preserva todas as coisas e as faz reviver<sup>281</sup>.

Como nos relata Ez 37,1-14, nesta nova criação a רוח tem um papel preponderante, pois este projeto criador e salvador de YHWH acontece também segundo a *dynamis* da רוח.

Quando Ezequiel descreve a mudança de situação do povo leva a רוח a um novo plano de significação: a energia vital que retorna se converte, em analogia a criação do homem, em alento vital que vem sobre os mortos e os vivifica (cf. Gn 2,7)<sup>282</sup>.

Ezequiel 37,1-14 ao descrever a salvação de Israel como Nova Criação, alude à atividade que por definição é obra exclusiva de YHWH. Contudo, a רוח que vem sobre os ossos secos, não é simplesmente o sopro de vida de certa forma

<sup>277</sup> Cf. ROCHA, Nelson Célio de Mesquita. op. cit. p. 16.

<sup>278</sup> Cf. SMITH, Ralph L., Teologia do Antigo Testamento. p.167.

<sup>279</sup> Cf. ZIMMERLI, Walther. Old Testament theology in outline. p.32.

<sup>280</sup> Cf. SANTANA, Luis Fernando R. Recebereis a Força do Espírito Santo: Traços de uma Pneumatologia Bíblica. p. 21.

<sup>281</sup> Cf. DERMAWAN, Agustinus. The Spirit in creation and environmental stewardship a preliminary Pentecostal response toward ecological theology. In *AJPS* 6:2 (2003), p. 211.

<sup>282</sup> Cf. ALBERTZ, R.; C. Westermann, “רוח” op. cit. p.928.

relacionado aos quatro ventos (cf. Ez 37,9), mas é a רִיחַ de YHWH, é o meu espírito (cf. Ez 37,14a)<sup>283</sup>.

Enfim, tudo será renovado e reconstruído pelo espírito de YHWH: Israel terá uma aliança marcada pela obediência de Israel e pela abundante fertilidade na natureza e entre o povo. Para Ezequiel o Deus fiel às suas antigas promessas tem como objetivo final de sua ação criadora realizar um conhecimento universal, ou seja, todas as nações conhecerão e professarão o Deus único (cf. Ez 37,13a-b)<sup>284</sup>.

---

<sup>283</sup> Cf. BERETTA, Fausto; PIROTTI, Luiz. Ezequiel – A reconstrução pelo Espírito. In Estudos Bíblicos, vol. 45, p.26.

<sup>284</sup> Cf. Idem.